

REDES DE APOIO E COMUNIDADES POTENCIAIS NA HISTORIOGRAFIA GREGA: UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-NARRATIVA*

Breno Battistin Sebastiani

Universidade de São Paulo / CNPq (Brasil)

<https://orcid.org/0000-0002-3777-6086>

sebastiani@usp.br

RESUMO

Este artigo almeja discutir, servindo-se de textos de historiadores gregos e de uma abordagem tanto histórica quanto filológico-historiográfica, termos e passagens-chave do léxico que compõe o campo semântico sobre exílio, deportação, banimento e iniciativas de estabelecimento de redes e comunidades de migrantes potenciais, isto é, que não foram plenamente concretizadas ou que fracassaram, bem como que resultaram em perdas humanas ou econômicas, retrocessos políticos, destruições, dispersões, escravização ou guerras, sobretudo quando co-envolvem conjunturas de fracasso ou colapso de democracias por via (ou não) de *stáseis* prolongadas – um dos principais desencadeadores de processos de migração no mundo antigo. Via de regra os passos examinados se limitam a constatar e descrever o fenômeno migratório, demonstrando pouco interesse pelas iniciativas dos próprios migrantes, muito menos em prosseguir com o exame de seu estabelecimento nas comunidades que os acolheram e nos modos segundo os quais sua presença reforça ou enfraquece regimes democráticos ou não de organização. Quando há interesse por parte de historiadores em relação ao fenômeno, tal interesse se manifesta por meio da ênfase na descrição de populações forçadas a deixar suas cidades e vendidas como escravas.

PALAVRAS-CHAVE: migrações, redes de apoio, *phygádes*, democracia, *stásis*.

POTENTIAL NETWORKS AND COMMUNITIES IN GREEK HISTORIOGRAPHY:
A SEMANTIC AND NARRATIVE APPROACH

ABSTRACT

This paper aims to discuss, using passages from Greek historians and based on an approach both historical and historiographical-philological, key terms and passages from the lexicon that make up the semantic field on exile, deportation, banishment and initiatives to establish potential networks and communities of migrants, that is, that were not fully realized or failed, as well as resulting in human or economic losses, political setbacks, destruction, dispersion, enslavement or wars, especially when they co-involve situations of failure or collapse of democracies through (or not) prolonged *stáseis* – perhaps the main trigger of migration processes in the ancient world. As a rule, the passages discussed below simply mention and describe the migratory phenomenon, showing little interest in the initiatives of the migrants themselves, even less in examining their establishment in the communities that welcomed them, or how their presence reinforces or weakens democratic or non-organizational regimes. When historians do show interest in the phenomenon, such interest can be seen as emphasis on the description of populations forced to leave their cities and sold into slavery.

KEYWORDS: migrations, networks, *phygádes*, democracy, *stásis*.

DOI: <https://doi.org/10.25145/j.fortunat.2024.40.07>

FORTVNATAE, Nº 40; 2024 (2), pp. 131-144; ISSN: 1131-6810 / e-2530-8343



INTRODUÇÃO

Este artigo almeja discutir, servindo-se de textos de historiadores gregos e de uma abordagem tanto histórica quanto filológico-historiográfica, termos e passagens-chave do léxico que compõe o campo semântico sobre exílio, deportação, banimento e iniciativas de estabelecimento de redes e comunidades de migrantes potenciais (Degenne - Forsé, 1999; Latour, 2005; Malkin, 2011; Davies, 2015; Taylor - Vlassopoulos, 2015; Blok - Farías - Roberts, 2020), isto é, que não foram plenamente concretizadas ou que fracassaram, bem como que resultaram em perdas humanas ou econômicas, retrocessos políticos, destruições, dispersões, escravização ou guerras, sobretudo quando co-envolvem conjunturas de fracasso ou colapso de democracias por via (ou não) de *stáseis* prolongadas – um dos principais desencadeadores de processos de migração no mundo antigo (Monedero - González, 1999: 198-208; Koser, 2007; O’ Really, 2012; Baker - Tsuda, 2015; Brettell - Hollifield, 2015; Zanfrini, 2016; Knight, 2019; Mancini - Stranges - Vingelli, 2020; Gallego, 2022b). É especialmente quando estão em questão tais conjunturas de *stáseis*, quando diversos tipos de migrantes são retratados positiva ou negativamente por historiadores gregos antigos, que tais narrativas se mostram particularmente instigantes também para a reflexão sobre problemas análogos inerentes a democracias contemporâneas (Harrison, 2002; Isaac, 2004; Koser, 2007; Vlassopoulos, 2007, 2013; Harzig - Hoerder, 2009; Lape, 2010; King, 2012; O’ Really, 2012; Bosma - Kessler - Lucassen, 2013; Garland, 2014; Wijma, 2014; Baker - Tsuda, 2015; Brettell - Hollifield, 2015; Morales, 2015; Taylor - Vlassopoulos, 2015; Zanfrini, 2016; Kasimis, 2018; Knight, 2019).

A investigação das razões para o fracasso parcial ou total das mencionadas iniciativas pode ser mapeado por meio de alguns questionamentos nucleadores com base nos quais o levantamento lexical é feito:¹ qual o peso da atuação dos próprios migrantes, em contraposição a fatores externos à sua vontade como oposição política, guerras e/ou invasões, para o fracasso de suas iniciativas? Por quais razões comunidades já estabelecidas decidiam suprimir ou cercear a formação de outras por parte de migrantes, a quem viam como ameaças à sua própria existência? Qual o papel das várias formas de *stáseis* e/ou *metabolai* para os tipos de fracasso a que porventura estejam associadas? Em que medida iniciativas fracassadas são o resultado de reações

* O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (304011/2022-3). Agradeço aos pareceristas a leitura acurada do manuscrito e todas sugestões de aprimoramento. Problemas remanescentes são naturalmente de minha exclusiva responsabilidade.

¹ Na esteira de questionamentos análogos já esboçados por, *e.g.*, Monedero (2001), Forsdyke (2005), Hurst - Owen (2005), Gaertner (2007), De Angelis (2010), Greaves (2010), Malkin (2011, 2016), Demetriou (2012), van Dommelen (2012), Wood (2012), Müller (2013), Sweeney (2013), Kennedy (2014), Gray (2015), Patriquin (2015), Bresson (2016), Donnellan - Nizzo - Burgers (2016), Gray (2017), Kuttner (2018), Rubinstein (2018), Zuchtriegel (2018), Lucas - Murray - Owen (2019) e Loddo (2020).

forçosas ante atitudes previamente iníquas e/ou flagrantemente criminosas? Por meio de quais práticas, isto é, de que modo grupos ou indivíduos que fracassaram contribuíram (ou não) para o aprimoramento, por exemplo a contrapelo, para com as formas de organização sócio-política das comunidades que os abrigaram, fossem elas de matiz democrático ou não? Entender os termos e o modo como cada historiador narra ou descreve o campo semântico acima definido é o primeiro passo para forjar instrumentais apropriados para se pensar diversos outros problemas correlatos no mundo antigo em geral e na historiografia grega em particular. Mas para além de questões auxiliares na determinação dos passos de historiadores a serem selecionados, tais indagações fomentam, ainda, reflexões contemporâneas sobre problemas contemporâneos análogos.

REDES E COMUNIDADES POTENCIAIS

A rubrica redes de apoio e comunidades potenciais abarca situações de migração que poderiam ter resultado no estabelecimento de redes ou comunidades, mas que efetivamente não o fizeram pelas mais diversas razões (Vlassopoulos, 2015; Zanfrini, 2016). Os principais passos de historiadores gregos antigos a serem abordados envolvem especialmente populações cuja fuga ou deportação estão intrinsecamente associadas a conjunturas de *stásis*.² Tais passos envolvem situações esparsas, que não resultaram em formas de conexão ou desenvolvimento mais amplos ou duradouros, isto é, situações esporádicas, circunstanciais e, via de regra, que se concluíram nos deslocamentos de populações promovidos. Embora não haja um termo grego específico para deportação (ato ou efeito), o campo semântico formado por *phugádes*, *phugê* e diversos outros conceitos que contribuem para forjar o problema em exame é empregado pelos historiadores para descrever tal situação, o que não raro causa dificuldades para definir se um grupo deixa a pólis voluntariamente ou não.

A título de contraposição paradigmática, um dos casos mais emblemáticos de formação de uma rede de apoio, senão mesmo de uma comunidade de interesses, na antiguidade envolve os marinheiros atenienses estacionados em Samos quando do golpe oligárquico de 411 contra aquela cidade. Embora não fossem propriamente migrantes nem fugitivos ou refugiados, tais marinheiros se contrapuseram aos golpistas e praticamente refundaram a democracia ateniense por meio da assembleia autônoma que convocaram e durante a qual reafirmaram o princípio da maioria como regra de ouro desse regime, conseqüentemente contribuindo de modo direto para a retomada da cidade (Th.8.76).³ Os exemplos e passagens discutidos a seguir vão

² Discussão e bibliografia sobre o problema da *stásis* e suas correlatas *metabolai* não apenas na Atenas clássica cf. Sebastiani (2021, 2022b) e Sebastiani - Leão (2022).

³ Discussão e bibliografia em Pritchard (2018); Mosconi (2021: 182-186); Sebastiani (2022a).



na contramão do ocorrido em Samos, isto é, envolvem indivíduos e grupos forçados a deixar suas pátrias e que principalmente devido a circunstâncias de *stásis* não puderam formar redes nem comunidades de interesses.

Ainda que de modo esporádico e não sistemático, encontram-se já em Heródoto exemplos de indivíduos ou populações como os oligarcas náxios, banidos por seus oponentes democratas em 500: «Ἐκ Νάξου ἔφυγον ἄνδρες τῶν παχέων ὑπὸ τοῦ δήμου, φυγόντες δὲ ἀπίκοντο ἐς Μίλητον» (Hdt.5.30), «Os cidadãos ricos fugiram de Naxo premidos pelos populares e, ao fugir, chegaram a Mileto».⁴ Conforme se nota pelos destaques, já nessa passagem a constelação semântica em torno do verbo φεύγω e do substantivo φυγᾶς englobará a maioria das referências a indivíduos que *fugiram*, voluntariamente ou não, de uma dada localidade em decorrência de dissidências políticas internas (no caso, banidos pelos populares – ὑπὸ τοῦ δήμου). Tais oligarcas, porém, tão logo chegaram em Mileto requisitaram um exército ao tirano local, Aristágoras, com o único fim de poderem retornar à pátria, a qual só não se tornou presa do tirano por uma sucessão de acasos (Hdt.5.31-34).

Embora pressuposto no texto herodoteano, a fuga dos oligarcas não vem diretamente associada ao problema da *stásis* e seus desdobramentos. É Tucídides quem explicita a vinculação entre fatos análogos e a ocorrência de *stáseis*, como quando trata dos oligarcas epidâmnicos banidos pelos democratas pouco antes do início da Guerra do Peloponeso:

προελθόντος δὲ τοῦ χρόνου ἐγένετο ἢ τῶν Ἐπιδαμνίων δύναμις μεγάλη καὶ πολυάνθρωπος· στασιάσαντες δὲ ἐν ἀλλήλοις ἔτη πολλά, ὡς λέγεται, ἀπὸ πολέμου τινὸς τῶν προσοίκων βαρβάρων ἐφθάρησαν καὶ τῆς δυνάμεως τῆς πολλῆς ἐστερήθησαν. τὰ δὲ τελευταῖα πρὸ τοῦδε τοῦ πολέμου ὁ δῆμος αὐτῶν ἐξεδίωξε τοὺς δυνατοὺς, οἱ δὲ ἐπελθόντες μετὰ τῶν βαρβάρων ἐλήζοντο τοὺς ἐν τῇ πόλει κατὰ τε γῆν καὶ κατὰ θάλασσαν (Th.1.24.3-5).

Com o passar do tempo a potência dos Epidâmnicos se fez grandiosa e populosa. Após guerream entre si por muitos anos, como se conta, foram destruídos por uma guerra contra bárbaros das redondezas e privados de boa parte de sua potência. Dentre os últimos acontecimentos antes da presente guerra, o povo expulsou os poderosos e os invasores, junto de bárbaros, pilharam os habitantes da cidade em terra e mar.

O historiador ateniense vincula claramente os dois fenômenos, como evidenciado pelos destaques: em decorrência de uma prolongada (ἔτη πολλά) conjuntura de *stásis* o povo expulsa (ἐξεδίωξε) os poderosos da cidade. Em outros passos, porém, a questão dos banidos (exilados ou não) apresenta outras implicações. É o caso, por exemplo, da proibição de os megarenses frequentarem a ágora de Atenas (Th.1.67), que contrasta com a reivindicação de Péricles de que Atenas é uma cidade aberta,

⁴ Todas as traduções, exceto quando indicado diferentemente, são de responsabilidade do autor.



que não expulsa estrangeiros (Th.2.39). O primeiro passo enfatiza explicitamente a proibição imposta aos megarenses: «καὶ ἄλλοι τε παριόντες ἐγκλήματα ἐποιούντο ὡς ἕκαστοι καὶ Μεγαρήϊς, δηλοῦντες μὲν καὶ ἕτερα οὐκ ὀλίγα διάφορα, μάλιστα δὲ λιμένων τε εἶργεσθαι τῶν ἐν τῇ Ἀθηναίων ἀρχῇ καὶ τῆς Ἀττικῆς ἀγορᾶς παρὰ τὰς σπονδὰς» (Th.1.67.4), «Outros dentre os presentes fizeram cada um suas acusações, assim como os megarenses, demonstrando entre outras coisas não poucas divergências, sobretudo o terem sido barrados nos portos do império atenienses e no mercado da Ática ao arripio da trégua». Já o segundo auxilia a definir, por contraposição, o que significava e implicava ser banido de uma cidade: «τὴν τε γὰρ πόλιν κοινὴν παρέχομεν, καὶ οὐκ ἔστιν ὅτε ξηνηλασίαις ἀπείργομέν τινα ἢ μαθήματος ἢ θεάματος, ὃ μὴ κρυφθὲν ἂν τις τῶν πολεμίων ἰδὼν ὠφελῆθει» (Th.1.39.1), «Mantemos a cidade aberta e não há que falar que barramos qualquer pessoa por xenelasia seja de aprender ou de ver algo que, não estando oculto, poderia beneficiar algum inimigo que o visse». Ao afirmar que a cidade se mantém aberta (κοινὴν) a qualquer um, sem vetar (ἀπείργομέν) nem mesmo que um inimigo veja algo que pode eventualmente servir-lhe para futura vantagem (ἰδὼν ὠφελῆθει), Péricles sublinha a imagem de Atenas como a de uma cidade cujas práticas em relação aos estrangeiros contrastam com a de outras cidades gregas, como Esparta, que não raro recorrem à ξηνηλασία ('banimento de estrangeiros') ou a ἀνδραποδισμός ('escravização'), como se verá a seguir.

De fato, abundam no texto de Tucídides exemplos das referidas práticas: diversas populações são deportadas pelos mesmos atenienses, como os potídeus, quando da capitulação de Potidéia em 429: «ἐπὶ τοῖσδε οὖν ξυνέβησαν, ἐξελθεῖν αὐτοὺς καὶ παῖδας καὶ γυναῖκας καὶ τοὺς ἐπικούρους ξὺν ἐνὶ ἱματίῳ, γυναῖκας δὲ ξὺν δυοῖν, καὶ ἀργυρίον τι ῥητὸν ἔχοντας ἐφόδιον. καὶ οἱ μὲν ὑπόσπονδοι ἐξῆλθον ἔς τε τὴν Χαλκιδικὴν καὶ ἢ ἕκαστος ἐδύνατο» (Th.2.70.3-4), «Ocorreu que os termos do acordo previam que eles, seus filhos, mulheres e auxiliares fossem embora com a única vestimenta, as mulheres com duas, e com uma soma estabelecida para viagem. E saíram sob trégua rumo à Calcídica, estabelecendo-se onde conseguiram». Algo análogo ocorre também com os eginetas: «Ἀνέστησαν δὲ καὶ Αἰγινήτας τῷ αὐτῷ θέρει τούτῳ ἔξ Αἰγίνης Ἀθηναῖοι, αὐτοὺς τε καὶ παῖδας καὶ γυναῖκας» (Th.2.27.1), «No mesmo verão os atenienses forçaram os eginetas, seus filhos e mulheres a deixar Egina». Ou com a narração de como os plateus são expulsos pelos tebanos: «Πλαταιῆς δὲ παῖδας μὲν καὶ γυναῖκας καὶ τοὺς πρεσβυτάτους τε καὶ πληθὸς τὸ ἀχρεῖον τῶν ἀνθρώπων πρότερον ἐκκεκομισμένοι ἦσαν ἔς τὰς Ἀθήνας» (Th.2.78.3), «Os plateus haviam transportado antes para Atenas seus filhos, mulheres, anciãos e a multidão de inválidos», depois remanejados pelos atenienses após a escravização dos remanescentes de Scione: «Περὶ δὲ τοὺς αὐτοὺς χρόνους τοῦ θέρους τούτου Σκιωναῖους μὲν Ἀθηναῖοι ἐκπολιορκήσαντες ἀπέκτειναν τοὺς ἡβῶντας, παῖδας δὲ καὶ γυναῖκας ἠνδραπόδισαν, καὶ τὴν γῆν Πλαταιεῦσιν ἔδοσαν νέμεσθαι» (Th.5.32.1), «Por esses tempos do mesmo verão os atenienses sitiaram os cioneus, mataram-lhes os adultos, escravizaram mulheres e crianças e deram suas terras aos plateus para que a dividissem». Ou como os megarenses promovem o banimento de oligarcas

διέφθειραν δὲ Πλαταιῶν μὲν αὐτῶν οὐκ ἐλάσσους διακοσίων, Ἀθηναίων δὲ πέντε καὶ εἴκοσι, οἱ ξυνεπολιορκούντο· γυναῖκας δὲ ἠνδραπόδισαν. τὴν δὲ πόλιν ἐνιαυτὸν μὲν τινα [Θηβαῖοι] Μεγαρέων ἀνδράσι κατὰ στάσις ἐκπεπτωκόσι καὶ ὅσοι τὰ σφέτερα φρουρῶντες Πλαταιῶν περιῆσαν ἔδοσαν ἐνοικεῖν (Th.3.68.2-3).



Foram executados não menos de duzentos plateus e vinte e cinco atenienses que estavam sitiados juntos. As mulheres foram vendidas como escravas. E os tebanos cederam por aproximadamente um ano a cidade à ocupação dos megarenses vencidos na guerra civil e a quantos dentre os plateus que sobreviveram por terem se focado nos próprios negócios.

Τοῦ δ' αὐτοῦ θέρους Μεγαρῆς οἱ ἐν τῇ πόλει πιεζόμενοι ὑπὸ τε Ἀθηναίων τῷ πολέμῳ, αἰεὶ κατὰ ἔτος ἕκαστον δις ἐσβαλλόντων πανστρατιᾶ ἐς τὴν χώραν, καὶ ὑπὸ τῶν σφετέρων *φυγάδων* τῶν ἐκ Πηγῶν, οἱ *στασιασάντων* ἐκπεσόντες ὑπὸ τοῦ πλήθους χαλεποὶ ἦσαν ληστεύοντες, ἐποιοῦντο λόγους ἐν ἀλλήλοις ὡς χρὴ δεξιμένων τοὺς *φεύγοντας* μὴ ἀμφοτέρωθεν τὴν πόλιν φθεῖρειν (Th.4.66.1).

No mesmo verão os megarenses que permaneceram na cidade, oprimidos pela guerra com os atenienses, que todos os anos invariavelmente invadiam o território duas vezes com todo o seu exército, e por seus próprios exilados de Pegas que, expulsos pelo povo na época da guerra civil, os atormentava com banditismo, começaram a conversar entre si sobre a necessidade de trazer de volta os exilados a fim de que a cidade não ruísse oprimida pelos dois lados.

Em Leontini, por outro lado, são os oligarcas que expulsam os democratas em 424: «οἱ δὲ δυνατοὶ αἰσθόμενοι Συρακοσίους τε ἐπάγονται καὶ ἐκβάλλουσι τὸν δῆμον» (Th.5.4.3), «Pressentindo isso, os poderosos atraem os siracusanos e expulsam o povo».

Outro episódio, embora diminuto, dá a medida das tensões inerentes a uma conjuntura de *stásis* em processo, no caso a que devastou Corcira a partir de 427. O comandante ateniense Nicóstrato tenta promover um acordo entre as facções rivais por meio do qual apenas os dez indivíduos considerados os mais culpados seriam executados. Estes fogem sem hesitar: «ξύμβασίν τε ἔπρασσε καὶ πείθει ὥστε ζυγχωρῆσαι ἀλλήλοις δέκα μὲν ἄνδρας τοὺς αἰτιωτάτους κρῖναι, οἱ οὐδέτι ἐμειναν, τοὺς δ' ἄλλους οἰκεῖν σπονδὰς πρὸς ἀλλήλους ποιησαμένους καὶ πρὸς Ἀθηναίους, ὥστε τοὺς αὐτοὺς ἐχθροὺς καὶ φίλους νομίζειν» (Th.3.75.1), «Empenhou-se por concluir um acordo e os persuadiu a entregar os dez principais responsáveis, que seriam julgados, mas estes abandonaram imediatamente a cidade; e que os demais permanecessem em paz por meio de uma trégua entre si e Atenas, com a qual se comprometeram numa aliança de ataque e defesa mútuos».

Embora não mais diretamente vinculados à ocorrência de *stáseis*, mas sim ao problema da guerra em si e às implicações dela para as diversas populações gregas por ela atingidas, concorrem não menos para formar o léxico tucidídeano relativo aos exilados os diversos casos de *andrapodismós* ocorridos durante a Guerra do Peloponeso:⁵ «ὁ δὲ Κλέων καὶ οἱ Ἀθηναῖοι τροπαῖά τε ἔστησαν δύο, τὸ μὲν κατὰ τὸν λιμένα, τὸ δὲ

⁵ Sobre a questão, bem como outras ocorrências análogas na narrativa de Tucídides, cf. Gallego (2022a).



πρὸς τῷ τειχίσματι, καὶ τῶν Τορωναίων γυναῖκας μὲν καὶ παῖδας ἠνδραπόδισαν» (Th.5.3.4), «Cléon e os atenienses erigiram dois troféus, um junto ao porto, outro próximo à muralha, e venderam como escravos as mulheres e filhos dos toroneus». No caso dos mélios derrotados o historiador emprega o mesmo verbo: «οἱ δὲ ἀπέκτειναν Μηλιῶν ὄσους ἠβῶντας ἔλαβον, παῖδας δὲ καὶ γυναῖκας ἠνδραπόδισαν» (Th.5.116.4), «Executaram quantos dos mélios capturaram em idade adulta, e venderam mulheres e crianças como escravos», assim como na narração da escravização dos icários, na Sicília, por parte dos atenienses:

καὶ ἐν τῷ παράπλῳ αἰροῦσιν Ὑκκαρα, πόλισμα Σικανικὸν μὲν, Ἐγεσταίοις δὲ πολέμιον ἦν δὲ παραθαλασσίδιον. καὶ ἀνδραποδίσαντες τὴν πόλιν παρέδωσαν Ἐγεσταίοις (παρεγένοντο γὰρ αὐτῶν ἱππῆς), αὐτοὶ δὲ πάλιν τῷ μὲν περὶ ἐχώρουν διὰ τῶν Σκελῶν ἕως ἀφίκοντο ἐς Κατάνην, αἱ δὲ νῆες περιέπλευσαν τὰ ἀνδράποδα ἄγουσαι. Νικίας δὲ εὐθὺς ἐξ Ὑκκάρων ἐπὶ Ἐγέστης παραπλεύσας, καὶ ἄλλα χρηματίσας καὶ λαβῶν τάλαντα τριάκοντα παρῆν ἐς τὸ στράτευμα· καὶ τὰνδράποδα ἀπέδωσαν, καὶ ἐγένοντο ἐξ αὐτῶν εἴκοσι καὶ ἑκατὸν τάλαντα (Th.6.62.3-4).

(...) ao longo da navegação tomaram Icara, uma cidade sicana inimiga de Segesta: era uma cidade costeira. Venderam a população como escrava e entregaram a cidade aos Segesteus (que haviam auxiliado com a cavalaria). Por conta própria recuaram com as forças terrestres através do território dos sícelos até chegarem a Catane enquanto os navios circulavam levando os escravos. Nícias, porém, que se dirigira sozinho para Segesta imediatamente após a captura de Icara, resolveu outras questões e, tendo reunido trinta talentos, voltou ao exército. Os escravos de guerra foram vendidos com um lucro de cento e vinte talentos.

Além de tais passos, análoga situação se encontra na narrativa sobre os embaixadores peloponésios entregues aos atenienses e por eles mortos:

παρατυχόντες δὲ Ἀθηναίων πρέσβεις Λεάρχος Καλλιμάχου καὶ Ἀμεινιάδης Φιλήμονος παρὰ τῷ Σιτάλκῃ πείθουσι τὸν Σάδοκον τὸν γεγεννημένον Ἀθηναῖον, Σιτάλκου υἱόν, τοὺς ἀνδρας ἐχειρίσαι σφίσιν, ὅπως μὴ διαβάντες ὡς βασιλέα τὴν ἐκείνου πόλιν τὸ μέρος βλάψωσιν. ὁ δὲ πεισθεὶς πορευομένουσ αὐτοὺς διὰ τῆς Θράκης ἐπὶ τὸ πλοῖον ᾧ ἔμελλον τὸν Ἑλλησποντον περαιώσειν, πρὶν ἐσβαίνειν ξυλλαμβάνει, ἄλλους ξυμπέμψας μετὰ τοῦ Λεάρχου καὶ Ἀμεινιάδου, καὶ ἐκέλευσεν ἐκείνοις παραδοῦναι· οἱ δὲ λαβόντες ἐκόμισαν ἐς τὰς Ἀθήνας (Th.2.67.2-3).

Estando junto a Sitalces os embaixadores atenienses Learco filho de Calímaco e Amíniades filho de Filémon, convencem o filho de Sitalces, Sadoco, que tinha cidadania ateniense, a entregar-lhes aqueles homens, para que não se passassem para o rei e prejudicassem sua cidade. Sadoco obedeceu e, enquanto atravessavam a Trácia a caminho da embarcação em que deveriam cruzar o Helesponto, ele os prendeu antes de embarcarem, tendo enviado homens junto de Learco e Amíniades, a quem ordenou que entregassem os embaixadores. Tão logo os receberam, conduziram-nos para Atenas.

Também em textos de Xenofonte o mesmo léxico já entrevisto até o momento volta a aparecer para descrever agentes e situações análogos, como no caso dos banimentos causados pelos Trinta em Atenas: «μετὰ δὲ ταῦτα Λύσανδρός τε κατέπλει εἰς τὸν Πειραιᾶ καὶ οἱ φυγάδες κατήσαν καὶ τὰ τεῖχη κατέσκαπτον ὑπ' αὐλητρίδων



πολλῆ προθυμία, νομίζοντες ἐκείνην τὴν ἡμέραν τῇ Ἑλλάδι ἄρχειν τῆς ἐλευθερίας» (Xen.Hell.2.2.23), «Depois que Lisandro entrou no Pireu com os próprios navios, os exilados regressaram e começaram a demolir as Muralhas ao som de flautistas com grande prontidão, pois pensavam que aquele dia era o início da liberdade para a Grécia» e

Θηραμένης μὲν δὴ οὕτως ἀπέθανεν· οἱ δὲ τριάκοντα, ὡς ἐξὸν ἤδη αὐτοῖς τυραννεῖν ἀδεῶς, προεῖπον μὲν τοῖς ἔξω τοῦ καταλόγου μὴ εἰσιεῖναι εἰς τὸ ἄστυ, ἦγον δὲ ἐκ τῶν χωρίων, ἴν' αὐτοὶ καὶ οἱ φίλοι τοὺς τούτων ἀγροὺς ἔχοιεν. *φευρόντων* δὲ εἰς τὸν Πειραιᾶ καὶ ἐντεῦθεν πολλοὺς ἄγοντες ἐνέπλησαν καὶ τὰ Μέγαρα καὶ τὰς Θήβας τῶν *ὑποχωρόντων* (Xen.Hell.2.4.1).

Assim morreu Terámenes. Os Trinta, como se agora tivessem licença para tiranizar impunemente, proibiram a entrada na cidade dos excluídos da lista e expulsaram muitos dos seus domínios para poderem eles próprios e seus aliados apoderar-se dessas terras. Os expulsos encontraram refúgio no Pireu e, como lá também prenderam muitos deles, também encheram Mégara e Tebas de refugiados.

Também sobre as práticas de *xenelasia* por parte de Esparta: «ἐπίσταμαι δὲ καὶ πρόσθεν τούτου ἔνεκα *ξενηλασίας* γιγνομένης καὶ ἀποδημεῖν οὐκ ἐξόν, ὅπως μὴ ῥαδιουργίας οἱ πολῖται ἀπὸ τῶν ξένων ἐμπίμπλαιντο» (Xen.Lac.14.4), «Sei que antigamente havia expulsão de estrangeiros e viver no exterior era ilegal, a fim de se evitar que os cidadãos ficassem desmoralizados pelo contacto com estrangeiros».

Já bem entrados no Período Helenístico, Políbio e Diodoro também farão uso de conceitos idênticos e/ou análogos. Do primeiro duas cenas podem ser consideradas paradigmáticas. A primeira se encontra no passo em que, ao criticar o relato do historiador Filarco sobre a tomada de Mantínea por Antígono e por seus compatriotas aqueus, o historiador megalopolitano tece a seguinte observação: «σπουδάζων δ' εἰς ἔλεον ἐκκαλεῖσθαι τοὺς ἀναγνώσκοντας καὶ συμπαθεῖς ποιεῖν τοῖς λεγομένοις, εἰσάγει περιπλοκάς γυναικῶν καὶ κόμας διερριμμένας καὶ μαστῶν ἐκβολάς, πρὸς δὲ τούτοις δάκρυα καὶ θρήνους ἀνδρῶν καὶ γυναικῶν ἀναμιξέ τέκνοις καὶ γονεῦσι γηραιοῖς ἀπαγομένον» (Polyb.2.56.7), «Empenhado em despertar piedade nos leitores e fazê-los compadecer-se dos fatos narrados, introduz abraços de mulheres, cabelos desalinhadados e exposição de seios, que se somam a lágrimas e lamentos de homens e mulheres junto aos filhos e pais velhos levados [para ser escravizados e/ou exilados]». Diferentemente do que atrai a atenção de Políbio no fato, provavelmente Filarco tinha em mente não apenas despertar comoção em seus leitores, mas também chamar a atenção para o fenômeno, recorrente em todo o mundo antigo e em particular na Grécia helenística, do uso político de populações inteiras como moeda de troca no jogo de interesses envolvendo diversos potentados, e que invariavelmente resultavam na redução de tais populações à escravidão e ao exílio, quando não ao extermínio.⁶

⁶ Não raro, conforme discutido por Buis (2015), os envolvidos em conflitos acordavam previamente o tratamento que seria destinado ao vencido. Ducrey observa que, de cem casos ocorridos entre

A segunda passagem reporta o banimento do historiador Timeu de Tauro-mênio promovido por Agátocles em 316/5: «Ὅτι Τίμαιός φησιν ἐν τῇ τριακοστῇ καὶ τετάρτῃ βύβλῳ “πεντήκοντα συνεχῶς ἔτη διατρίψας Ἀθήνησι *ξενιτεύων* καὶ πάσης ὁμολογουμένως ἄπειρος [ἐγένετο] πολεμικῆς χρείας, ἔτι δὲ καὶ τῆς τῶν τόπων θέας”» (BNJ 566; Polyb.12.25h.1), «Timeu afirma no trigésimo quarto livro “ter passado cinquenta anos contínuos como estrangeiro em Atenas e ser absolutamente inexperiente tanto em práticas militares quanto em observações *in loco*”».

Também de Diodoro duas cenas são particularmente incisivas. A primeira narra o caso dos habitantes de Metone expulsos por Filipe II da Macedônia: «καὶ μέχρι μὲν τινος οἱ Μεθωναῖοι διεκαρτέρουν, ἔπειτα κατισχυόμενοι *συνηναγκάσθησαν παραδοῦναι τὴν πόλιν τῷ βασιλεῖ ὥστε ἀπελθεῖν τοὺς πολίτας* ἐκ τῆς Μεθώνης ἔχοντας ἐν ἰμάτιον ἕκαστον» (Diod.Sic.16.34.5), «Embora por algum tempo o povo de Metone tenha resistido, tão logo foi dominado foi obrigado a entregar a cidade ao rei sob a condição de que os cidadãos deixassem Metone com uma única peça de roupa cada». Notável no passo é a ênfase dada pelo historiador nos fatores coercitivos (*συνηναγκάσθησαν*) a obrigar os metoneus a deixarem (*ἀπελθεῖν*) sua cidade.

Por fim, um último episódio notável por ter despertado o interesse, por parte do historiador que o relatou, para o detalhamento dos modos como tais indivíduos empreenderam as ações descritas. Ao narrar a evacuação de Agrigento, sitiada pelos cartagineses, em 406, Diodoro reporta que:

τοσοῦτου δὲ πλήθους ἀνδρῶν γυναικῶν παίδων *ἐκλιπόντος τὴν πόλιν* ἄφνω πολὺς οἶκος καὶ δάκρυα κατεῖχε τὰς οἰκίας. ἅμα γὰρ ὁ τῶν πολεμίων ἐξέπληττε φόβος, ἅμα δὲ διὰ τὴν σπουδὴν ἠναγκάζοντο *καταλιπεῖν* εἰς διαρπαγὴν τοῖς βαρβάροις ταῦτ’ ἐφ’ οἷς ἑαυτοὺς ἐμακάριζον· ἀφαιρουμένης γὰρ τῆς τύχης τὴν ἐξουσίαν τῶν οἴκοι καλῶν, ἀγαπητῶν ἠγοῦντο τὰ σώματα γοῦν αὐτῶν διασῶσαι. οὐ μόνον δὲ τῆς τοιαύτης πόλεως εὐδαιμονίαν παρῆν ὄρᾶν *ἀπολειπομένην*, ἀλλὰ καὶ σωμάτων πλήθος. οἱ μὲν γὰρ ἐν ἀρρωστίας ὑπὸ τῶν οἰκείων περιεωρῶντο, τῆς καθ’ ἑαυτὸν σωτηρίας ἐκάστου φροντίζοντος, οἱ δὲ ταῖς ἡλικίας ἤδη προβεβηκότες ὑπὸ τῆς τοῦ γήρωσ ἀσθενείας *κατελείποντο*· πολλοὶ δὲ καὶ τὴν *ἀλλαγὴν* τῆς πατρίδος θανάτου τιμώμενοι τὰς χεῖρας ἑαυτοῖς προσήνεγκαν, ὅπως ταῖς πατρώαις οἰκίαις ἐναποπνεύσωσιν. οὐ μὴν ἀλλὰ τὸ μὲν ἐκ τῆς πόλεως ἐξίον πλήθος οἱ στρατιῶται μετὰ τῶν ὄπλων παρέπεμπον εἰς τὴν Γέλαν· ἢ δ’ ὁδὸς καὶ πάντα τὰ πρὸς τὴν Γελῶν ἀποκεκλιμένα τῆς χώρας μέρη ἔγεμε γυναικῶν καὶ παίδων ἀναμιξ παρθένους, αἱ τὴν συνήθη τρυφὴν εἰς ὁδοιπορίαν σύντονον καὶ κακοπάθειαν ὑπεράγουσαν *μεταβαλλόμεναι* διεκαρτέρουν, τοῦ φόβου

os séculos VII e IV a.C., apenas em aproximadamente 25% se observam massacres e em por volta de 34% a população foi escravizada. Outros 41% se referem a casos em que a cidade sitiada se rendia (Ducrey, 2015). Em outras palavras, por um lado a prática de exterminar a população vencida não representava a regra, mas tinha caráter antes exemplar e circunstancial. Ademais, existiam condicionantes morais e religiosos que limitavam a violência contra não combatentes (Bernard, 2000). Quanto à questão da escravização de mulheres, é possível que se tratasse de um estereótipo de gênero que apresenta a mulher como vítima da violência masculina em casos de conflitos bélicos e civis (Olivera, 2021).

τὰς ψυχὰς ἐντείνοντος. οὗτοι μὲν οὖν ἀσφαλῶς διασωθέντες εἰς Γέλαν ὕστερον εἰς Λεοντίνους κατόκησαν, Συρακοσίων αὐτοῖς δόντων τὴν πόλιν ταύτην οἰκητήριον (13.89).

Ante tamanha multidão de homens, mulheres e crianças abandonando a cidade, de súbito lamentações e lágrimas intermináveis invadiram todos os lares. Embora estivessem em pânico por medo do inimigo, ao mesmo tempo também eram forçados pela pressa a deixar como saque para os bárbaros os bens nos quais basearam a sua felicidade; pois quando a Fortuna estava roubando-lhes o conforto de que desfrutavam em suas casas, eles pensaram que deveriam se contentar com o fato de pelo menos estarem preservando suas vidas. E podia-se ver o abandono não só da opulência de uma cidade tão rica, mas também de uma multidão de seres humanos. Pois os doentes eram negligenciados pelos seus familiares, cada um pensando na sua própria segurança, e os que já estavam muito avançados em idade foram abandonados por causa da fraqueza da velhice; e muitos, considerando que até mesmo o deixar sua cidade natal era equivalente à morte, lançaram mãos contra si mesmos para que pudessem dar seu último suspiro nas moradas de seus ancestrais. Contudo, a multidão que deixou a cidade recebeu escolta armada dos soldados até Gela; e a estrada e todas as partes do campo que levavam ao território dos gelanos estavam lotadas de mulheres e crianças misturadas com donzelas, que, mudando da vida mimada a que estavam acostumados para uma árdua jornada a pé e extremas dificuldades, resistiram até o fim, pois o medo tensionava suas almas. Chegaram em segurança a Gela e mais tarde estabeleceram-se em Leontini, tendo os siracusanos dado-lhes esta cidade como morada.

Escrevendo de maneira análoga à de Filarco, que teria enfatizado os padecimentos dos mantineus quando da Guerra Cleomênica, tal como podemos inferir do passo polibiano 2.56.7 anteriormente analisado, no passo acima é notável a horizontalidade do olhar de Diodoro, que novamente enfatiza fatores coercitivos (ἠναγκάζοντο), no caso descrevendo como os agrigentinos foram forçados a abandonar (καταλιπεῖν) a cidade, não raro cedendo a atos extremos, como um repórter a narrar ocorrências coetâneas com o momento mesmo da narrativa. Novamente, está-se diante de um relato que enfatiza o caráter exterior, impositivo e quase caótico do abandono de uma cidade em função de um conflito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos passos examinados é forçoso extrair algumas conclusões que não raro reverberam o que se nota em fenômenos análogos também na contemporaneidade. A atuação dos próprios migrantes é via de regra coagida, isto é, não voluntariamente motivada, mas imposta por fatores externos à sua vontade, tais quais oposição política, guerras e/ou invasões, sendo estes os fatores preponderantes.

É notável em particular que praticamente todas as referências diretas a tais migrantes se dão por via do verbo φεύγω e do participio substantivado φεύγων dele derivado, isto é, os textos examinados se concentram majoritariamente em pessoas que migram não por vontade própria, mas porque *fugindo*, coagidas (note-se os termos associados ao verbo ἀναγκάζω) de males maiores.

As múltiplas formas que assumiram diversas *stáseis* e/ou *metabolái* no mundo antigo foram, como são ainda hoje, os fatores decisivos a impulsionar o deslocamento de populações e, não menos frequente, a fazer com que se dispersem antes de se organizarem. Por conta disso, nos textos examinados é rara, senão inexistente, qualquer menção a grupos migrantes cujas iniciativas tenham contribuído para o aprimoramento de formas de organização sócio-política das comunidades que os abrigaram. Ao contrário, como no caso dos oligarcas náxios em Heródoto, não raro é a vingança contra desafetos políticos o centro das preocupações dos fugitivos.

Em síntese, via de regra os passos examinados se limitam a constatar e descrever o fenômeno migratório, demonstrando pouco interesse pelas iniciativas dos próprios migrantes, muito menos em prosseguir com o exame de seu estabelecimento nas comunidades que os acolheram e nos modos segundo os quais sua presença reforça ou enfraquece regimes democráticos ou não de organização. Quando há interesse por parte de historiadores em relação ao fenômeno, tal interesse se manifesta por meio da ênfase na descrição de populações forçadas a deixar suas cidades (note-se em particular o acúmulo de verbos construídos sobre o verbo *λείπω* e destacados no último passo de Diodoro) e vendidas como escravas (*ἀνδραποδισμοί*).

RECIBIDO: mayo 2024; ACEPTADO: julio 2024.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, B. - TSUDA, T. (2015): *Migration and Disruptions. Toward a Unifying Theory of Ancient and Contemporary Migrations*, University of Florida Press, Gainesville.
- BERNARD, N. (2000): *À l'épreuve de la guerre. Guerre et société dans le monde grec. V^e et IV^e siècles avant notre ère*, Seli Arslan, Paris.
- BLOK, A. - FARIAS, I. - ROBERTS, C. (2020): *The Routledge Companion to Actor-Network Theory*, Routledge, London - New York.
- BOSMA, U. - KESSLER, E. - LUCASSEN, L. (2013): *Migration and Membership Regimes in Global and Historical Perspective: an Introduction*, Brill, Leiden.
- BRESSON, A. (2016): *The Making of the Ancient Greek Economy. Institutions, Markets, and Growth in the City-States*, Princeton University Press, Princeton - Oxford.
- BRETTELL, C. B. - HOLLIFIELD, J. F. (2015): *Migration theory: Talking Across Disciplines*, Routledge, New York.
- BUIS, E. (2015): *La súplica de Eris. Derecho Internacional, discurso normativo y restricciones de la guerra en la Antigua Grecia*, Eudeba, Buenos Aires.
- DAVIES, J. (2015): «Retrospect and Prospect», C. TAYLOR - K. VLASSOPOULOS (eds.), *Communities and Networks in the Ancient Greek World*, Oxford University Press, Oxford, pp. 239-256.
- DE ANGELIS, F. D. (2010): «Ancient Greek Colonization in the 21st Century: Some Suggested Directions», *Bollettino di Archeologia Online* 1 (Volume speciale C / C1 / 5): 18-30.
- DEGENNE, A. - FORSÉ, M. (1999): *Introducing Social Networks*, Transl. A. BORGES, Sage, London - Thousand Oaks - New Delhi.
- DEMETRIOU, D. (2012): *Negotiating Identity in the Ancient Mediterranean: the Archaic and Classical Greek Multiethnic Emporia*, Cambridge University Press, Cambridge.
- DONNELLAN, L. - NIZZO, V. - BURGERS, G. J. (2016): *Conceptualising Early Colonization*, Belgisch Historisch Instituut te Rome, Bruxelles.
- DUCREY, P. (2015): «War in the Feminine in Ancient Greece», J. FABRE-SERRIS - A. KEITH (eds.), *Women and War in Antiquity*, John Hopkins University Press, Baltimore, pp. 181-119.
- FORSDYKE, S. (2005): *Exile, Ostracism, and Democracy. The Politics of Expulsion in Ancient Greece*, Princeton University Press, Princeton - Oxford.
- GAERTNER, J. F. (2007): *Writing Exile: The Discourse of Displacement in Greco-Roman Antiquity and Beyond*, Brill, Leiden - Boston.
- GALLEGO, J. (2022a): «Esclavizaciones reales, esclavitudes metafóricas: Tucídides y el sometimiento ateniense de los aliados», *Historia* 396 12 (3): 133-162, <https://historia396.cl/index.php/historia396/article/view/608/249>.
- GALLEGO, J. (2022b): «Exilios y migraciones en la Atenas de finales del siglo V a.C.: las exclusiones de la ciudadanía y los golpes oligárquicos», *Sociedades Precapitalistas* 12: e068, <https://doi.org/10.24215/22505121e068>.
- GARLAND, R. (2014): *Wandering Greeks. The Ancient Greek Diaspora from the Age of Homer to the Death of Alexander the Great*, Princeton University Press, Princeton - Oxford.
- GRAY, B. (2015): *Stasis and Stability. Exile, the Polis, and Political Thought, c.404-146 BC*, Oxford University Press, Oxford.

- GRAY, B. (2017): «Exile, Refuge and the Greek Polis: Between Justice and Humanity», *Journal of Refugee Studies* 30: 190-219.
- GREAVES, A. M. (2010): *The Land of Ionia: Society and Economy in the Archaic Period*, Wiley-Blackwell, Oxford.
- HARZIG, C. - HOERDER, D. (2009): *What is migration history?*, Polity Press, Cambridge.
- HARRISON, T. (2002): *Greeks and Barbarians*, Routledge, New York - London.
- HURST, H. - OWEN, S. (2005): *Ancient Colonizations: Analogy, Similarity and Difference*, Duckworth, London.
- ISAAC, B. (2004): *The Invention of Racism in Classical Antiquity*, Princeton University Press, Princeton - Oxford.
- KASIMIS, D. (2018): *The Perpetual Immigrant and the Limits of Athenian Democracy*, Cambridge University Press, Cambridge.
- KENNEDY, R. F. (2014): *Immigrant Women in Athens. Gender, Ethnicity, and Citizenship in the Classical City*, Routledge, New York - London.
- KING, R. (2012): *Theories and Typologies of Migration: an overview and a Primer*, Malmö Institute for Studies of Migration, Diversity and Welfare, Malmö.
- KNIGHT, J. B. (2019): «Migration Theory and Greek Colonisation: Milesians at Naukratis and Abydos», *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 33: 45-65.
- KOSER, K. (2007): *International Migration. A Very Short Introduction*, Oxford University Press, Oxford.
- KUTTNER, R. (2018): *Can Democracy Survive Global Capitalism?*, W. W. Norton & Co, New York - London.
- LAPE, S. (2010): *Race and Citizen Identity in the Classical Athenian Democracy*, Cambridge University Press, Cambridge.
- LATOUR, B. (2005): *Reassembling the Social. An Introduction to Actor-Network-Theory*, Oxford University Press, Oxford.
- LODDO, L. (2020) (dir.): *Political Refugees in the Ancient Greek World. Literary, Historical and Philosophical Essays. International Workshop (Aix-Marseille Université, 15-16 juin 2017)*, Pallas 112.
- LUCAS, J. - MURRAY, C. A. - OWEN, S. (2019): *Greek Colonization in Local Contexts: Case Studies in Colonial Interactions*, University of Cambridge Press, Cambridge.
- MALKIN, I. (2011): *A Small Greek World: Networks in the Ancient Mediterranean*, Oxford University Press, Oxford.
- MALKIN, I. (2016): «Migration and Colonization. Turbulence, Continuity and the Practice of Mediterranean Space (11th to 5th Centuries)», M. DABAG *et alii* (eds.), *New Horizons: Mediterranean Research in the 21st Century*, Fink - Schöningh, Paderborn, pp. 285-307.
- MANCINI, C. B. - STRANGES, M. - VINGELLI, G. (2020): *Migrazioni. Percorsi interdisciplinari*. Mimesis, Milano - Udine.
- MONEDERO, A. J. D. - GONZÁLEZ, J. P. (1999): *Esparta y Atenas en el siglo V a.C.*, Síntesis, Madrid.
- MONEDERO, A. J. D. (2001): *La polis y la expansión colonial griega (siglos VIII-VI)*, Síntesis, Madrid.
- MORALES, F. A. (2015): *A democracia ateniense pelo avesso: os metecos e a política nos discursos de Lísias*, EDUSP, São Paulo.
- MOSCONI, G. (2021): *Democrazia e buon governo. Cinque tesi democratiche nella Grecia del V secolo a.C.*, Led on Line, Milano, <https://www.ledonline.it/ledonline/985-democrazia.html>.



- MÜLLER, S. (2013): «Away from home: Ancient Greek Colonization Seen as a Migratory Process», *Mediterranean Review* 6: 33-57.
- OLIVERA, D. A. (2021): «El destino de las vencidas: estereotipos de género en la legislación griega sobre la guerra», *Revista Temas de Mujeres* 17: 38-54, <http://ojs.filo.unt.edu.ar/index.php/temasde-mujeres/article/view/489/377>.
- O' REALY, K. (2012): *International Migration and Social Theory*, Palgrave Macmillan, New York.
- PATRIQUIN, L. (2015): *Economic Equality and Direct Democracy in Ancient Athens*, Palgrave Macmillan, New York.
- PRITCHARD, D. (2018): «The Standing of Sailors in Democratic Athens», *Dialogues d'Histoire Ancienne* 44: 231-253.
- RUBINSTEIN, L. (2018): «Immigration and Refugee Crises in Fourth-Century Greece: An Athenian Perspective», *The European Legacy* 23: 5.24.
- SEBASTIANI, B. B. (2021): «Lideranças e crises da democracia antiga em Heródoto, Tucídides, Xenofonte e Políbio», *Ágora* 32: 11-32, <https://doi.org/10.34624/agora.v0i23.24400>.
- SEBASTIANI, B. B. (2022a): «Resistência democrática em Samos contra o golpe de 411», *Historia* 369 12: 51-72.
- SEBASTIANI, B. B. (2022b): «Democracias, lideranças e igualdades. Duas sugestões de Heródoto e Tucídides», *Archai* 32: e-03217, https://doi.org/10.14195/1984-249X_32_17.
- SEBASTIANI, B. B. - LEÃO, D. F. (2022): *Crises (Staseis) and Changes (Metabolai). Athenian Democracy in the Making*, Firenze University Press, Firenze, <https://doi.org/10.36253/978-88-5518-612-4>.
- SWEENEY, N. M. (2013): *Foundation Myths and Politics in Ancient Ionia*, Cambridge University Press, Cambridge.
- TAYLOR, C. - VLASSOPOULOS, K. (2015): «Introduction: An Agenda for the Study of Greek History», C. TAYLOR - K. VLASSOPOULOS (eds.), *Communities and Networks in the Ancient Greek World*, Oxford University Press, Oxford, pp. 1-34.
- VAN DOMMELEN, P. (2012): «Colonialism and Migration in the Ancient Mediterranean», *Annual Review of Anthropology* 41: 393-409.
- VLASSOPOULOS, K. (2007): *Unthinking the Greek Polis. Ancient Greek History beyond Eurocentrism*, Cambridge University Press, Cambridge.
- VLASSOPOULOS, K. (2013): *Greeks and Barbarians*, Cambridge University Press, Cambridge.
- WIJMA, S. M. (2014): *Embracing the Immigrant. The participation of Metics in Athenian Polis Religion (5th-4th Century BC)*, Franz Steiner, Stuttgart.
- WOOD, E. M. (2012): *The Ellen Meiksins Wood Reader*, L. PATRIQUIN (ed.), Brill, Leiden - Boston.
- ZANFRINI, L. (2016): *Introduzione alla sociologia delle migrazioni*, Laterza, Bari - Roma.
- ZUCHTRIEGEL, G. (2018): *Colonization and Subalternity in Classical Greece: Experience of the Nonelite Population*, Cambridge University Press, Cambridge.

